



Experiências e Práticas Científicas de Cultivo Agrícola na Colônia Orfanológica Blasiana no Século XIX

Hamilton Matos Cardoso Júnior ¹

RESUMO

A Colônia Orfanológica Blasiana (1881-1895) foi uma instituição voltada para a instrução de crianças negras desvalidas, que também se empenhou em modernizar e diversificar práticas de produção agrícola. Procurou aplicar técnicas inovadoras de cultivo em substituição aos métodos rotineiros de cultivo agrícola. Recebeu visitas de autoridades políticas e religiosas, bem como de jornalistas que deixaram relatos sobre as atividades agrícolas praticadas na instituição, tais como: as formas de plantio, de irrigação e sobre o que se cultivava. Este trabalho tem como objetivo analisar essa instituição por meio de citações em jornais oitocentistas, contribuindo para os estudos sobre a modernização agrícola em Goiás. Para isso, recorreu-se à pesquisa bibliográfica e análise de documentos arquivados na Biblioteca Nacional. Conclui-se que a Colônia Orfanológica Blasiana foi uma instituição pioneira voltada a práticas de experimentação de técnicas inovadoras no cultivo agrícola, introduzindo novos conceitos, métodos e culturas no espaço agrário em Goiás.

Palavras-Chave: Espaço Agrário; Ensino Agrícola; Joseph de Melo Alvares.

¹ Mestrado em Territórios e Expressões Culturais no Cerrado pela Universidade Estadual de Goiás, UEG, Brasil. hjuniorgo@hotmail.com

No século XIX a produção agricultura era a base da economia do Império do Brasil. Essa atividade era realizada por meio de técnicas rudimentares de produção que gerava baixa capacidade produtiva no país, consideradas tradicionais. Sobressaíam algumas culturas, como a cana-de-açúcar.

Com o objetivo de introduzir técnicas modernas no modo de cultivo do solo, o governo imperial incentivou a criação de institutos agrícolas, tais como o Instituto Imperial Fluminense de Agricultura e o Instituto Agrônomo de Campinas. Também apoiou a criação de escolas destinadas a receber filhos de escravos libertos pela Lei do Ventre Livre e proporcionar-lhes ensinamentos profissionalizantes em agricultura, como, por exemplo, a Colônia Blasiana, objeto de estudo deste artigo.

Este trabalho analisa a Colônia Blasiana, instituição orfanológica que operou nos últimos anos do século XIX. Para isso, recorre-se a documentos (jornais do século XVIII) arquivados na Biblioteca Nacional que façam referência à colônia, possuindo como intuito estudar e entender a contribuição dessa colônia para as primeiras mudanças nas técnicas de cultivo agrícola em Goiás.

O artigo está dividido em seis seções, a contar com esta introdução. Nesse sentido, na segunda seção são discutidos os conceitos de agricultura tradicional e agricultura moderna, com o intuito de subsidiar as discussões a respeito da contribuição da Colônia Blasiana na superação das técnicas agrícolas praticadas no século XIX; a terceira seção traz algumas considerações a respeito dos objetivos e funcionamento da referida instituição; na quarta seção é descrito, por meio das fontes pesquisadas, o espaço agrário da colônia, bem como destacadas as técnicas utilizadas em seu cultivo agrícola; a quinta seção, também por meio das mesmas fontes, analisa as articulações da instituição com os órgãos governamentais e privados do Brasil Imperial; por fim, a sexta e última seção apresenta as considerações finais desta pesquisa.

AGRICULTURA TRADICIONAL E AGRICULTURA MODERNA

Segundo Coelho (1998), parte das análises sobre a evolução das técnicas empregadas na agricultura brasileira divide-se em suas fases: a tradicional e a moderna. Ao traçar esse parâmetro com relação às diferenças da agricultura tradicional e da considerada moderna, não se objetiva aqui colocar um conceito frente ao outro com intuito de definir o sistema mais eficiente. De forma cautelosa, parte-se do pressuposto de que esses conceitos remetem a uma alteração na prática e manejo no campo com acarretamento no âmbito mecânico, biológico, físico-químico e nas práticas de gestão da produção.

Para o desenvolvimento da discussão entorno desses dois conceitos encontrou-se apoio nos trabalhos de Bediaga (2011), Carmo (1939), Ferraro (2005; 2012); Murari (2002) e Coelho (1998). As pesquisas científicas produzidas nos últimos anos destacam que considerar todos os métodos de cultivo agrícola praticados anteriormente à Revolução Verde como tradicionais uma análise historicamente incorreta, tendo em vista que o olhar lançado leva em consideração o atual contexto produtivo, e não o de outrora.

Segundo Ferraro (2012), a agricultura tradicional é uma forma de produção agrícola que esteve presente no espaço agrícola do Brasil desde seu descobrimento, persistindo por parte do regime republicano podendo, ainda, ser observado nos dias de hoje no espaço agrícola brasileiro. O autor considera que agricultura tradicional é “[...] baseada no deslocamento constante das lavouras [...]” (p. 85), bem como em processos produtivos ancorados em métodos rústicos e, considerados atualmente, tradicionais (Ferraro 2005).

Coelho (1998) ressalta que a fase tradicional da agricultura no Brasil “[...] caracterizou-se pelo predomínio do café na economia agrícola brasileira e pela pouca importância que se dava ao projeto de se utilizar a imensa base territorial brasileira na produção de grãos” (p. 2). Nesse sentido, o autor aponta que a produção de alimentos básicos (milho, arroz, feijão, dentre outros) estava inclinada ao abastecimento dos próprios produtores, sendo seu pouco excedente comercializado com os centros urbanos, já que o processo de urbanização ainda mostrava-se acanhado.

Esse sistema de produção foi implantado no Brasil pelos colonizadores portugueses; porém, como aponta Carmo (1939), é um método de produção copiado dos índios brasileiros devido às condições do meio físico² do novo mundo, que não permitiram uma agricultura semelhante à praticada na Europa. Segundo Ferraro (2005), apoiado em outros autores, a mão de obra utilizada na agricultura tradicional era a escrava, primeiramente dos índios e posteriormente dos negros trazidos da África, já que os primeiros não aceitavam trabalho forçado.

Carmo (1939), em sua análise do processo de instalação e desenvolvimento das técnicas de produção agrícola no espaço agrário brasileiro, afirma que o processo de cultivo da terra na agricultura tradicional percorria as seguintes etapas: “[...] derrubada, depois a queimada, a coivara, o plantio e a capina pela enxada, colheitas feitas à mão e todas as demais operações sobre os produtos da terra sempre feitas pelo negro, motor quase único em todas as fainas agrícolas” (Carmo 1939, p. 4).

² A vegetação das novas terras descobertas era densa e alta, tornando as condições naturais do novo mundo adversas à implementação dos métodos de produção europeus. Outro fato a esse impedimento, era o despreparo dos aborígenes para lidar com os instrumentos agrícolas utilizados na Europa (Ferraro 2005, p. 39).

Essa descrição remete à “rotina agrícola” como uma técnica presente nesse sistema de produção agrícola. Coelho (1998) também dá algumas explicações quanto a esse processo de produção que:

[...] baseava-se no emprego intensivo de mão-de-obra e na qualidade natural do solo. Por essa razão, os agricultores migravam de um lugar para outro, em busca de terras mais férteis. Como as técnicas de preparo e uso do solo eram muito rudimentares e exigiam geralmente o emprego de "queimadas", o ciclo de fertilidade era bastante curto, o que contribuía para estimular o lado predatório desse modelo (Coelho 1998, p. 2).

Como se pode observar, essa técnica se valia de instrumentos de cultivo tradicionais, tais como: a enxada, o machado e a foice, complementados pelo uso do fogo³. Suas etapas consistem: a) a mata é derrubada por força apenas humana utilizando-se enxada, foice, machado e outros objetos manuais; b) queima-se a mata já derrubada; c) faz-se a semeadura do solo sobre as cinzas das queimadas; d) cultiva-se e colhe-se com a utilização de instrumentos manuais.

Portanto, nesse tipo de cultivo os instrumentos manuais são indispensáveis e o agricultor assume um trabalho sem fim, em uma luta incessante contra o meio:

Este homem labutará penosamente no início de sua modesta lavoura, criada ali na várzea em terra bravia, exigindo roçada, queimada, coivaras, extração de tocos e raízes: enfim, labuta incessante. [...] Nos anos seguintes nosso enxadeiro estará a abrir novas roçadas sempre com a mesma trabalhadeira (Carmo 1939, p. 6).

Nesse processo cíclico de cultivo tradicional, evidenciado no trabalho e na constante luta contra a natureza, Ferraro (2005) aponta que no processo da “rotina agrícola” os agricultores usam o solo até que este ficasse exaurido – desgastado – já que nem o adubo natural, nem o químico, eram utilizados na recuperação da área cultivada. Em seguida, o lavrador, sai à procura de terras férteis em outros terrenos com mata virgem, deixando o antigo em repouso, o chamado pousio, que poderia durar mais de duas décadas. Cirne e Souza (2014), traçando um conceito para pousio com base na legislação, definem que essa técnica é:

[...] utilizada para preservar a terra que mantém uma área sem cultivo por certo período para restabelecer os nutrientes perdidos¹¹ com o plantio anterior. É um período em que a terra “descansa” do cultivo, isto é, uma área é mantida sem lavoura alguma por um espaço de tempo¹². Trata-se de uma prática muito antiga. (Cirne & Souza 2014, p. 79)

Dessa forma, cria-se uma agricultura nômade, pois não fixava o agricultor em um único local. Nesse processo, segundo Luciana Murari (2002) “[...] o trabalho no campo não se tornava nem fácil nem ameno, mas uma labuta ingrata sob o sol tropical” (p. 148). De acordo com o exposto, Ferraro (2005) conclui, delimitando o conceito da agricultura tradicional como sendo:

³ Daí o título do famoso livro de Warren Dean (1996): *À ferro e fogo: a destruição da Mata Atlântica Brasileira*.

Hamilton Matos Cardoso Júnior

[...] aquela praticada com a derrubada da mata com a foice e o machado, queima semeadura, capina com a enxada, colheita, todas as operações exercidas somente com as forças dos braços e com uma característica nômade, uma vez que ocorrido o desgaste da terra escolhia-se outra área para derrubar a mata e reiniciar todo o processo. (Ferraro 2005, p. 42)

A agricultura tradicional foi utilizada tanto para plantio destinado à exportação quanto para o abastecimento interno no período colonial/imperial (Ferraro 2005). Nesse sentido, esse sistema de produção agrícola tradicional baseia-se na “rotina agrícola”, no uso de instrumentos de cultivo manuais (enxada, foice, cutelo, etc.), na constante luta do homem contra o meio natural, no desgaste total do solo e na formação de uma sociedade com características nômades. Entretanto, cabe ressaltar que esse tipo de produção não esteve isento de degradação ambiental. Como a “rotina agrícola” era o principal processo de produção, grandes áreas eram devastadas com o desmatamento e com as queimadas no decorrer dos anos, já que, para se produzir, era necessário incorporar nossas terras.

A Colônia Blasiana, como destacado na introdução deste trabalho, buscou solucionar essas questões, combatendo a “rotina agrícola”. Presume-se que essa instituição, procurando introduzir novas técnicas de manejo agrícola, recorreu a novos conceitos para a produção agrícola, dando os primeiros passos para a inserção de novos modos de cultivo e exploração do solo em Goiás.

Os discursos que começam a defender mudanças nas técnicas de cultivo agrícola surgem nas últimas décadas do século XIX e primeiras do século XX. Os principais elementos que o sustentavam diziam respeito ao aumento da produção, à redução dos custos e do tempo de trabalho, bem como a introdução de máquinas nos processos produtivos agrícolas. A introdução dessas máquinas começou a ser efetiva somente após a década de 1960 com a chamada revolução verde, levando o campo brasileiro a novos patamares de produção e exploração do solo.

A agricultura moderna propõe métodos diferentes e mais eficazes do ponto de vista da expansão da produção e intensificação da exploração do solo. Segundo Ferraro (2005), começou a ser implantada no Brasil nos últimos anos do regime imperial, porém passou a ser utilizada de forma abrangente apenas na segunda metade do século XX, permanecendo até os dias atuais com uso de tecnologias cada vez mais sofisticadas e inovadoras.

Coelho (1998) ratifica essa afirmação ao destacar que o processo de modernização do campo brasileiro intensificou-se após a década de 1960 em virtude da crise de abastecimento. Para o autor:

Com o processo de urbanização em plena evolução, e a incapacidade do modelo de exploração agrícola tradicional de gerar excedentes suficientes para alimentar os centros urbanos, o governo decidiu adotar uma ampla reformulação da política agrícola existente, para promover a expansão e modernização da produção de grãos em escala nacional. De fato, esse objetivo foi alcançado, e essa fase caracterizou-se pelo notável crescimento da produção de grãos em escala

Hamilton Matos Cardoso Júnior

nacional, induzido pelo uso intensivo de alguns instrumentos de Política Agrícola, como o Crédito Rural e a Política de Garantia de Preços Mínimos. (Coelho 1998, p. 2)

Portanto, como aponta Coelho (1998), a defesa por uma modernização do campo, por meio do uso de máquinas, equipamentos mecânicos e novos conceitos mercadológicos e de produção, não pode ser analisada apenas pela aparente necessidade de modernizar os processos produtivos. Essa defesa também perpassa a diminuição dos custos de produção, tornando os produtos agrícolas mais competitivos no mercado externo, bem como pela necessidade de abastecimento de um crescente espaço urbano. O autor aponta como características desse processo produtivo o:

[...] uso intensivo de fertilizantes químicos, defensivos e mecanização em todas as etapas do processo produtivo. Ao contrário da fase anterior, a incorporação de novas terras deixou de ser meramente um fator de manutenção do nível de produção (obtido pelo aproveitamento do ciclo de fertilidade natural do solo), para tornar-se realmente num fator de expansão, junto com os ganhos de produtividade, propiciados pelas novas tecnologias (p. 2).

Ferraro (2005) define que, nesse sistema de produção, os métodos se baseiam no plantio com uso de máquinas movidas a tração, inicialmente, animal e, nos dias atuais, mecânica. O uso de adubos, naturais ou não, é outra técnica que a diferencia da agricultura tradicional, proporcionando um cultivo contínuo do solo, abandonando a necessidade de se mudar de área após seu uso, já que o desgaste do solo pode ser compensado, levando em conta os benefícios para a ordem de produção. A utilização de sementes selecionadas que leva a uma maior produção por meio de culturas resistentes a pragas, também é outra característica da chamada agricultura moderna.

Ferraro (2005) ressalta outro elemento que diferencia a agricultura moderna da tradicional: a mão de obra, que, nesse sistema de cultivo, em geral, é assalariada. Bediaga (2011) ratifica essa afirmação, apontando que a agricultura moderna “[...] além do recurso a equipamentos e do uso racional da terra era necessário [...] que contasse com mão de obra livre e capacitada”. Outro aspecto de importância ressaltado por Ferraro (2005) é que a agricultura moderna tem como característica a substituição do sistema de importações pelo de exportações.

Como seus métodos são mais eficientes, do ponto de vista produtivo, que os utilizados na agricultura tradicional, a agricultura moderna facilitou o controle do homem sobre a natureza, sendo esse o principal diferencial identificado entre os dois sistemas de produção. Na agricultura tradicional a luta para a dominação do meio pelo homem é incessante, uma labuta sem fim. Por outro lado, na agricultura moderna, com o uso de técnicas e ferramentas de cultivo mais eficazes, o homem, enfim, consegue o domínio do meio natural.

Ferraro (2005) mostra isso ao afirmar que: “A ideologia da modernização representava, portanto, uma forma de romper a associação do rural com a barbárie, tornando-se o campo um espaço civilizado, onde o homem assumiria o controle dos elementos naturais [...]” (p. 57).

Portanto, pode-se afirmar que na agricultura tradicional há uma incessante luta entre homem e meio. Por outro lado, na agricultura moderna, com o auxílio da ciência e da tecnologia, o homem domina o meio físico com mais facilidade e rapidez. Seus resultados/impactos consistem na exploração intensiva e prolongada do solo o que leva a resultados mais desastrosos ao meio ambiente, já que áreas maiores serão devastadas e terão a produção intensificada, tendo em vista que qualquer tipo de solo, seja ele íngreme ou plano, ácido ou arenoso, poderá ser utilizado para a produção agrícola. Além do impacto ambiental, a modernização do espaço agrário brasileiro ainda reflete impactos sociais.

Como aponta Estevam (1997), em detrimento da transformação dos meios de produção da agricultura, nasceram novas formas de desempenho do capitalismo, baseadas no modelo seletivo e excludente, promovendo, por um lado, o enriquecimento dos maiores produtores, que tiveram acesso à modernização de seus meios de produção, e, por outro lado, o empobrecimento dos pequenos agricultores que não tiveram acesso à tecnificação de seus processos produtivos.

Algumas instituições tiveram papel preponderante no processo de modernização das técnicas de cultivo agrícola no Brasil Colonial/Imperial, a maioria com apoio do governo. A Colônia Orfanológica Blasiana destacou-se nesse processo no interior do país. A seguir são destacadas algumas considerações a respeito dessa instituição e dos objetivos para sua criação no século XIX.

A COLÔNIA ORFANOLÓGICA BLASIANA – INSTITUIÇÃO AGRÍCOLA E DE ENSINO NO SÉCULO XIX

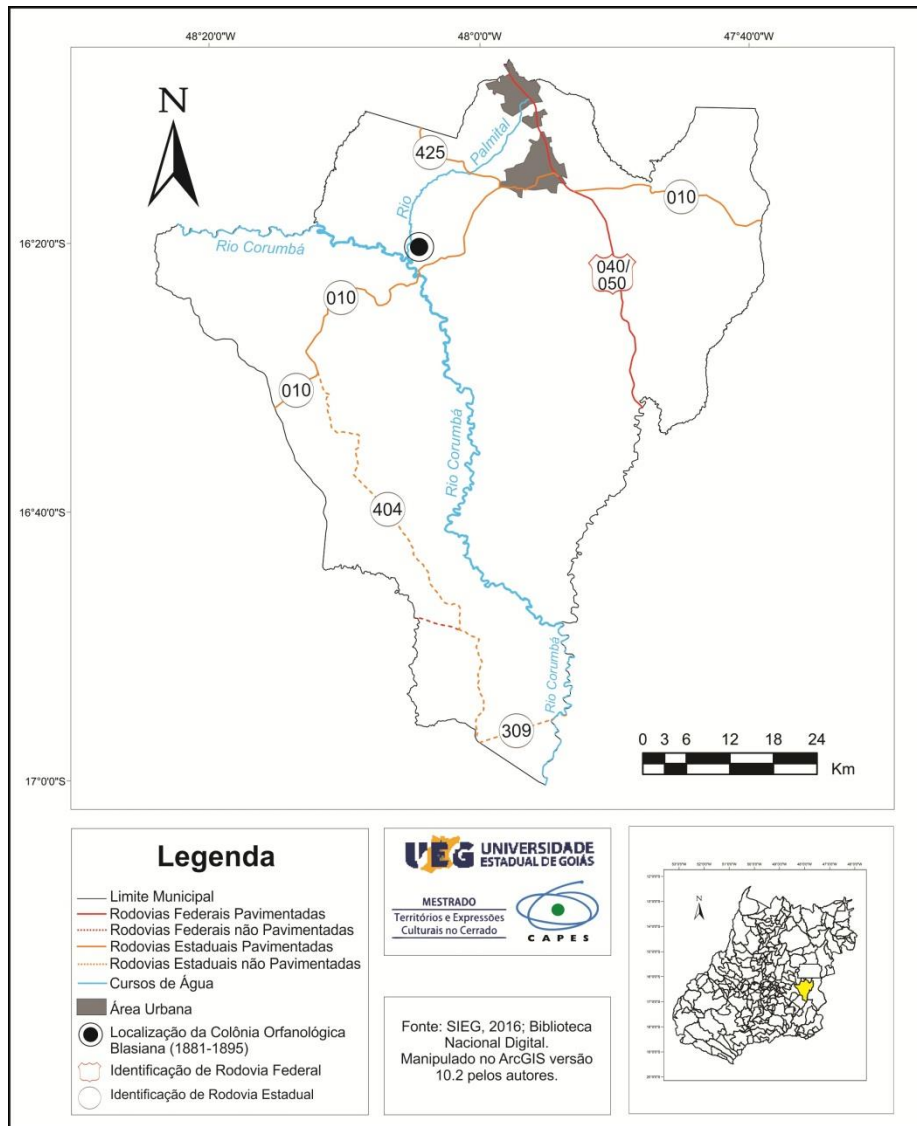
Ao buscar estudos sobre esta instituição, destaca-se um aspecto peculiar quanto a ela. A Colônia Blasiana é tratada como uma instituição de ensino profissionalizante do século XIX em Goiás. Estudos como de Marin (2006) e Rocha (2007) ressaltam e sustentam essa afirmação. Entretanto, não querendo desconstruir as pesquisas já publicadas, procura-se apresentar outra perspectiva de estudo sobre a referida instituição, que leva em consideração as práticas de cultivo na colônia.

Segundo Marin (2006), a Colônia Blasiana foi criada por Braz Bernardino Loureiro Tavares, apoiada pelo governo da Província de Goiás e mantida graças ao empenho de seu diretor Joseph de Mello Álvares, seu diretor.

Foi instituída no dia 21 de abril de 1881 na cidade de Santa Luzia, hoje Luziânia, tendo suas atividades encerradas no ano de 1895. Seu objetivo principal era abrigar filhos de escravos, oferecendo

educação básica, moradia e ensinamentos voltados para a agricultura. Na Figura 01 observar-se a localização dessa instituição no atual território do município de Luziânia.

Figura 01. Localização da Colônia Orfanológica (1881-1895) no atual território do município e Luziânia – Goiás.



Fonte: Os Autores.

Segundo Joseph de Mello Álvares (1911), a Colônia localizou-se na área de uma antiga mineradora chamada de Lavras do Palmital. Esse local fica na confluência do Rio Palmital com o Rio Corumbá. Essa região, assim como a Colônia, pertencia à Fazenda Conceição.

A Colônia Blasiana, durante seus anos de funcionamento, abrigou um total de 43 meninos com número médio de 25 crianças, sendo o maior número, o de 36, em 1884, e o menor 17, nos

últimos três anos de sua existência (Marin 2006). Oferecia educação pautada na disciplina e bons modos religiosos e cívicos.

Para Marin (2006), a criação da Colônia Blasiana deu-se a partir de dois problemas desencadeados no século XIX. Com a abolição da escravatura crianças negras passaram a ser vistas como perigo potencial para a sociedade, estando na pobreza, abandono e no risco de sucumbir à marginalidade, sendo necessária a criação de escolas que as pudessem educar com o objetivo de serem cidadãos de bem.

Outra questão presente no campo do século XIX que levou à criação dessa instituição foi o fim da escravidão: a mão de obra tornou-se escassa e, com o aumento da produção agropecuária, que implicava no incremento das exportações, que se fazia basicamente pela incorporação de novas terras e demais trabalhadores no processo produtivo, indispensável para evitar um futuro colapso de mão de obra nas grandes plantações.

Ressalta-se que a Colônia Blasiana não possuía mão de obra escrava, o que é indício de modernidade para a época. Parte de sua mão de obra era das crianças ali abrigadas, que realizavam as atividades da instituição: cultivavam, colhiam e domesticavam os animais. Ali era seu lar, sua escola e o local onde receberiam ensinamentos agrícolas e religiosos.

Para Rocha (2007), reflexão partilhada com Marin (2006), a real intenção da Colônia Blasiana em abrigar crianças não era apenas para dar-lhes uma educação que as pudesse realmente emancipar, seu intuito era salvaguardar a agricultura goiana de um colapso de mão de obra, devido à abolição da escravatura. As crianças eram educadas no e para o trabalho braçal. Ao completarem seus 21 anos, iriam trabalhar nas fazendas vizinhas como trabalhadores braçais e subalternos. Portanto, ambos os problemas, com ênfase no segundo, levaram ao governo a incentivar a criação de colônias agrícolas que estariam voltadas para ensinamentos de elementos de agricultura, abrigando crianças negras e garantindo assim mão de obra para as fazendas, porém, de forma qualificada.

A Colônia Blasiana possuía como modelo o Imperial Instituto Fluminense de Agricultura (IIFA). Em sua tese, Bediaga (2011, p. 21-31) descreve o IIFA como um instituto agrícola de natureza privada; entretanto, criado na província do Rio de Janeiro através de decreto imperial no ano de 1860, tendo como finalidade nortear o progresso da agricultura fluminense⁴.

Em seu estatuto de criação, verifica-se que seus principais objetivos eram a busca de alternativas para a mão de obra escrava, através da vinda de colonos estrangeiros; o

⁴ Também abrigava um orfanato. Por contar com associados mais qualificados, possuía uma revista, a “Revista Agrícola”, e uma fábrica de chapéus.

Hamilton Matos Cardoso Júnior

aprimoramento de máquinas e instrumentos para incrementar a produção agrícola; o apoio às investigações acerca do solo e adubagem e de aclimação das novas espécies; e estudos de variedades de vegetais, em especial as que tivessem retorno econômico. Observam-se também os propósitos de criar escolas agrícolas e incentivar publicações que propiciassem a circulação de informações sobre a agricultura. (Bediaga 2011, p. 1)

Nessa esteira, como é analisado nas seções a seguir, a Colônia Blasiana, além de oferecer educação profissionalizante às crianças negras desvalidas, procurou inserir novos métodos de cultivo praticados no período, introduzindo técnicas de cultivo que possuíssem embasamento científico. Apesar de ser uma instituição de importância na historiografia da evolução das práticas produtivas da agricultura goiana e muito conhecida na época, a Colônia Blasiana é pouco citada nos estudos e análises sobre o desenvolvimento e modernização do campo em Goiás.

O ESPAÇO AGRÁRIO E AS PRÁTICAS AGRÍCOLAS NA COLÔNIA BLASIANA

A Colônia Blasiana era ponto de parada dos viajantes que passavam por Santa Luzia. Muitos que ali vinham buscavam visitar essa instituição para conhecer as atividades ali realizadas, como a educação oferecida aos órfãos e, principalmente, sendo o que mais chamava a atenção desses visitantes, o espírito da instituição de empregar novas técnicas no cultivo do solo. Joseph de Mello Álvares, seu diretor, fazia questão de que os viajantes fossem à Colônia para mostrar o que ali era realizado. Percebe-se então nos relatos dos viajantes que as atividades agrícolas praticadas na Colônia Blasiana eram inovadoras para a época.

O comum entre todos os relatos são as diferentes e inovadoras formas de se cultivar o solo praticadas naquele local. Seu diretor queria passar a imagem de progresso e de civilização, o que justificaria a captação de mais recursos nos poderes públicos e doações particulares. Em sua visita no ano de 1884, o Vice-Presidente da Província de Goiás aponta a Colônia Blasiana como um local de possível progresso em meio ao atraso vivido em Santa Luzia.

Oscar Leal, em seu livro “Viagem às Terras Goianas”, aponta a cidade de Santa Luzia como:

[...] uma cidade verdadeiramente sertaneja, de casas apenas barradas ou mal caiadas, muito pouca pintura, pouco gosto artístico nas construções, principalmente nas modernas, separadas umas das outras por largos claros, ocupados por taipas, com as suas ruas tristes, e apenas concorridas em ocasiões de festas, quando o governo municipal ou os próprios moradores se resolvem a limpá-las do mato, que muitas vezes as tornam intransitáveis. (Leal 1980, p. 138).

Santa Luzia possuía ares de cidade atrasada, com casas rústicas feitas da forma mais simples possível havendo ruas nem mesmo calçadas. Era a perfeita imagem de uma cidade goiana no século XIX, cidades sertanejas “decadentes”, com pouca infraestrutura e com suas populações quase que exclusivamente morando nas áreas rurais. Dessa forma, é possível observar que o atraso oitocentista, se

comparado com outras regiões do país, evidenciava-se tanto na agricultura do estado quanto em suas cidades.

Entretanto em meio ao atraso, Leal (1980) destaca um local com ares de modernidade:

A três léguas da cidade e a um quilômetro da margem esquerda do rio Corumbá, existe a Colônia Blasiana de que é diretor o Joseph de Mello Alvares, que designou-se a receber nossa visita no dia 6 de maio. Nesta colônia orfanológica ensina-se a cultivar a terra, e as crianças recebem as primeiras noções de agricultura depois que sabem ler corretamente. (p. 142)

No ano de 1882, o jornal “A Tribuna Livre” publicou as palavras do Padre Doutor Raymundo Henrique des Genettes a respeito de sua estadia na Colônia Blasiana. Ele a descreve como sendo um local de bom gosto, organizado, com jardins e fontes de água que o encantou que apenas na corte (capital) se poderiam encontrar tais jardins. Genettes (1882) também descreve o zelo com que se tratavam as crianças e como aquelas eram cheias de bons modos, referenciando-se a instituição como exemplo para a criação de outras colônias no Brasil. Outro importante aspecto é evidenciado em suas palavras: “De cada lado do pátio, correm fontes de água viva que banham o jardim. As plantações acham-se em uma área de 1.500 a 1.600 metros perfeitamente plana, oferecendo vastos passeios bordados todos eles de flores e cortados em ângulos retos” (Genettes 1882, p. 2).

A plantação se fixava em uma área de pelo menos 1.600 metros com um solo perfeitamente plano. O relato oferece indícios de técnicas inovadoras na forma de cultivo do solo promovidos na Colônia Blasiana: o mais importante deles é que de cada lado do jardim corria água que o banhava, o que pode ser irrigação tanto para o jardim da propriedade quanto para a plantação que ali estava. É característica da região Centro-Oeste atravessar uma longa estiagem ao longo do ano, podendo durar até cinco meses. O uso da irrigação permitiria atravessar o período de seca sem interromper a produção de alimentos, bem como possibilitava o cultivo de determinadas culturas que necessitassem de mais umidade.

Outro aspecto que chama a atenção no relato são as plantações que formam um ângulo reto, isto é, são plantadas em linha, o que é mais um indicativo de práticas de cultivo diferentes das realizadas na época nessa região. Tanto Oscar Leal, quanto o Padre Genettes, evidenciaram uma forma diferente de disposição das plantas na colônia. Leal (1980) destaca a simetria com que as plantas eram dispostas, todas em linha reta. Padre Genettes também aponta o modo de dispor as plantas: todas em um ângulo extremamente reto. Fala também sobre “bananeiras plantadas à cordel” (Genettes 1882, p. 2), isto é, plantadas em linha reta com o auxílio de uma corda.

Esses relatos evidenciam que as plantações cultivadas na colônia não eram organizadas de forma irregular e aleatória, havia um padrão a ser seguido, configurando o uso de técnicas científicas no modo de produção agrícola. A técnica de cultivar a plantação em linhas retas confere facilidade na manutenção da lavoura, o espaço para cultivo se torna melhor disposto e bem aproveitado e há um aprimoramento da colheita.

A instituição também foi responsável pela introdução de novas culturas na agricultura goiana, incluindo plantas consideradas exóticas ao cerrado. Algumas delas são cultivadas até os dias atuais, entretanto outras não obtiveram tanto sucesso. Marin (2006, p. 125) destaca diversas plantas cultivadas na Colônia Blasiana, tais como: café, feijão, arroz, milho, trigo, mandioca, batata doce, batata inglesa, cará, inhame, gengibre, amendoim, gergelim, erva-doce, algodão, tabaco, fava, linho, centeio, cevada, trevo, sorgo, guandu, urucum, anil, lúpulo, palmeiras, videiras, bananeiras, chá e diversas variedades de cana-de-açúcar.

Algumas dessas culturas eram comuns na região de Goiás, a exemplo do feijão, arroz, milho, mandioca, bananeiras, amendoim e cana-de-açúcar, algumas já cultivadas pelos indígenas e outras introduzidas desde o período colonial e utilizados na culinária local. Outras nem tanto, possivelmente só passaram a existir em solo goiano após o cultivo na Colônia Blasiana.

Ao analisar os jornais oitocentistas arquivados na Biblioteca Nacional é possível constatar o cultivo de outras plantas na Colônia Blasiana, tais como: o eucalipto, a uva, o trigo de inverno, a baunilha, variedades de pimenta, a canela e o marmelo, como mostra o Padre de Genettes (1882). Todas tiveram a necessidade de passar por aclimação⁵, adaptando-se às condições de solo, clima e temperatura do cerrado. As plantações de uva eram as que mais impressionavam como é possível observar com a leitura do relato do referido padre que dizia que “[...] dentre as numerosas plantações notei uma de vinhas com mais de 600 pés” (Genettes 1882, p. 2).

Dentre todas as plantas cultivadas na Colônia Blasiana, algumas são produzidas em larga escala nos dias atuais como, por exemplo, o eucalipto, usado na produção de lenha e na fabricação de papel, e o sorgo, muito cultivado para alimentar o gado no período da seca. No entanto, não se pode afirmar que houve um sucesso na introdução de todas as culturas plantas.

A uva, por exemplo, pouco é produzida nos dias de hoje, talvez devido ao clima ou pela falta de interesse dos agricultores por essa cultura, já que hoje é possível o cultivo de uva em locais de clima

⁵ Apesar de alguns vegetais já tivessem sido aclimatados nas ilhas portuguesas do Atlântico, e posteriormente introduzidos no litoral brasileiro, a exemplo da banana, cana de açúcar e a vinha. A aclimação consiste no processo de adaptar um organismo a condições de habitat diferentes ao de sua origem. Geralmente envolve-se a temperatura e o clima.

mais quentes usando técnica artificiais para quebra de sua dormência. A cevada também é pouco produzida, pois se adapta melhor a climas temperados, apesar de, atualmente, haver fábricas de cerveja no estado. Já o eucalipto e sorgo, por exemplo, não se transformaram imediatamente em culturas de valor comercial e tiveram de ser reintroduzidas posteriormente.

O cultivo de novas culturas pela Colônia Blasiana é outro aspecto que confirma a existência de práticas inovadoras de cultivo agrícola no espaço agrário dessa instituição. Sua intenção não era apenas a prática da monocultura, o cultivo de um único gênero agrícola, característica da agricultura da época, mais sim a prática da policultura, isto é, o cultivo de diversos espécimes⁶.

Durante o funcionamento da Colônia Blasiana, foi remetido a ela, pelo Ministério da Agricultura, um projeto arquitetônico de estábulos apropriados para criação científica de gado.⁷

Aos imperiais institutos Fluminense, Bahiano, Sergipano, e Pernambucano, bem como às escolas agrícolas de Santa Isabel, Piracicaba, Blasiana [...] remeteu o ministério da agricultura o plano de estábulos apropriados a estabelecimentos agrícolas [...] (Revista de Engenharia 1887, p. 35).

É um novo método para a criação e domesticação de animais. Com seu uso os animais não seriam criados de forma solta em grandes áreas, mas sim agrupados em um único local facilitando seu manejo. O confinamento do gado, além de garantir maior produtividade do rebanho, garante a concentração do estrume em um único local, facilitando seu aproveitamento como adubo. Portanto, o uso de estábulos para animais possui uma estreita ligação com a adubação do solo das plantações. Essas técnicas podem ser consideradas inovadoras, tanto a adubação do solo com adubos naturais providos dos animais da própria fazenda, quanto na forma de manejo dos animais.

Em sua descrição sobre a estrutura da Colônia, Marin (2006) apresenta algumas pistas sobre a efetiva instalação desse projeto na instituição. O autor afirma que:

[...] a Colônia Blasiana dispunha de diversos prédios modestos que serviam para diversos fins. O principal, denominado Diretoria, era utilizado como moradia da família do Joseph de Mello Alvares e suas empregadas, como escritório, sala de aula e biblioteca da Colônia. Um outro, denominado Quartel, era a habitação das crianças e jovens estudantes da Colônia. Por último, os Armazéns eram compostos de três anexos: o primeiro era a moradia dos professores e demais funcionários, o segundo servia para guardar os instrumentos e produtos agrícolas, e o terceiro era utilizado como estábulo e pocilga para os animais domésticos (p. 122-123).

Diante do relato do autor, pode-se destacar a existência de estábulos destinados ao manejo dos animais domésticos. Todavia, para que seja possível determinar que o espaço agrário na Colônia Blasiana fosse cultivado com o uso de técnicas inovadoras também é necessário definir quais eram os

⁶ Hoje em dia a monocultura também é praticada com princípios científicos, sendo, portanto, moderna.

⁷ Os estábulos são locais fechados onde os animais domésticos, como gado bovino ou cavalos, são recolhidos, geralmente, para dormirem ou alimentarem-se.

instrumentos agrícolas utilizados. O auxílio da tração animal ou mecânica proporciona mais eficácia e rapidez na produção agrícola. Alguns exemplos de máquinas à tração animal são: o arado, os gradeadores, colheitadeira, dentre outros.

Segundo Ferraro (2005), no final do século XIX e início do século XX somente poucos agricultores do Sul e Sudeste utilizavam máquinas agrícolas modernas. Silva (2009) mostrou que somente na década de 1920 do século passado, o uso de maquinário agrícola será incorporado efetivamente pelos fazendeiros. Isto é, que a agricultura moderna se efetivará.

Mas será que Colônia Blasiana realmente usava esses instrumentos considerados modernos? O fato de não haver nenhuma menção ao seu uso, por parte de quem visitou a instituição e na imprensa, não permite realizar tal afirmação. Todavia, faziam-se presentes nessa instituição alguns instrumentos de cultivo modernos. Em um relatório de 15 de março de 1884 contendo um relato do diretor da instituição sobre as habilidades e evolução das crianças, transcrito por Marin (2006), encontraram-se indícios da presença de alguns instrumentos:

Todos os alumnos d'esta aula já sabem aplicar a charúa, a grade e outros instrumentos, empregar os necessários agentes fertilisadores, plantar e cultivar, já tratam dos animais domésticos e compreendem o modo de seu melhoramento, são bons horticultores e jardineiros (Alvares 1984 *apud* Marin 2006, p. 128)

Entre os principais instrumentos citados estão a charrua e a grade, ambos utilizados para preparar a terra para o plantio. Possivelmente esses instrumentos eram movidos à tração animal, pois não há menções a respeito de quais máquinas eram utilizadas e nem de pedidos feitos por Joseph de Mello Álvares ao governo ou a outras instituições de quaisquer instrumentos agrícolas movidos a tração mecânica, tão pouco o envio de maquinários à instituição.

Além dos citados instrumentos, o emprego de agentes fertilizadores, que na época eram naturais, confirmam a utilização de conceitos científicos no manejo das plantações. Marin (2006) ainda acrescenta a presença de outras técnicas científicas de cultivo presentes na instituição. Segundo o autor, as crianças, em seu processo de ensino profissionalizante, recebiam aulas sobre as diferentes etapas da produção agrícola, incluindo o processamento dos produtos. Marin (2006) afirma que:

[...] eram ministrados ensinamentos de agricultura prática, tais como: uso dos instrumentos agrícolas, preparo do solo para plantio, tratos culturais desde germinação até o completo crescimento, colheita dos produtos, armazenagem e processamento dos produtos agrícolas, estudos sobre adubos orgânicos, tratamento dos animais domésticos e seu melhoramento, cultivos e tratos das hortaliças, enxertia e práticas de jardinagem (p. 123-124).

Diante do exposto até o momento, afirma-se que essa instituição, além de oferecer educação profissionalizante para qualificar a nova mão de obra que surgia com a Lei do ventre Livre, também

fazia uso práticas consideradas inovadoras, para a época, em seu espaço agrário. Eram aplicados conceitos científicos e instrumentos diversificados no preparo da terra, na plantação, inserção de adubos, colheita e domesticação dos animais.

Adiante, na próxima seção, são apresentadas algumas considerações sobre as relações estabelecidas entre a Colônia Orfanológica Blasiana e órgãos do governo e outras instituições de ensino buscando, dessa forma, corroborar com a afirmação de que essa instituição além do oferecer ensino profissionalizante, também contribuiu para a inserção de novas técnicas de cultivo em Goiás.

ARTICULAÇÕES DA INSTITUIÇÃO COM O BRASIL: ENTRE A CIÊNCIA E A RELIGIÃO

Durante a existência da Colônia Blasiana, Joseph de Mello Álvares não poupou esforços em realizar pedidos de recursos (livros, dinheiro, equipamentos agrícolas, sementes, etc.) a instituições públicas e privadas no país. São destacadas aqui algumas articulações dessa instituição.

Pouco mais de um mês após o envio de um pedido da Colônia Blasiana, o Imperador, no dia 5 de fevereiro de 1883, no jornal “O Globo”, fez uma solicitação à Associação Promotora da Instrução, situada na corte do Império, que enviasse livros literários, agrícolas e religiosos para à Biblioteca Senador Corrêa, biblioteca da colônia (O Globo 1883). Segundo Sávio (1911) a Biblioteca da Colônia era uma das melhores e mais completas de Goiás. Ele relata que:

Ainda, para confirmar a minha opinião franca e despretenciosa, devo notar que, depois da capital, S. Luzia é a cidade goiana melhor servida em pharmacia e em bibliothecas particulares, sendo dicto por muitos que a mais preciosa bibliotheca particular de Goiás é a que possui o exm^o. sr. cel. José de Mello Alvares. (Sávio 1911, p. 4-5)

No mesmo ano e mês, Joseph de Mello Álvares agradece, referindo-se a outra solicitação, em uma nota publicada no jornal “O Apostolo” de 1883, ao Excelentíssimo e Reverendo Senhor Bispo da Diocese de Mariana pelo donativo de livros religiosos e didáticos que este acabara de enviar a biblioteca da Colônia.

Manifesto ao Exm. e Rvm. Sr. Bispo da Diocese de Mariana aos sentimentos da minha gratidão e eterno reconhecimento pelo importante donativo de livros religiosos e didáticos que o mesmo Exm. e Rvm. Senhor acaba de fazer à biblioteca da colônia ophanologica que estou dirigindo, suplico a S. Ex. Rvma. Para que lance a sua benção apostólica sobre mim e sobre a mesma colônia. (Álvares 1883, p. 4).

No ano de 1884 foi nomeada uma comissão de notáveis, na capital de Goiás, incumbida de angariar doações de livros, jornais e revistas para a biblioteca da instituição. A comissão foi composta pelos conselheiros: Francisco Antônio de Azevedo, João Gonzaga de Siqueira, João Geraldo Teixeira e José Ignácio da Luz. Outra comissão com os mesmos objetivos foi criada na corte imperial.

No dia 11 de novembro de 1884 foi publicado no “Diário de Belém”, o deferimento de um pedido feito ao Conde Villeneuve para o envio de livros à colônia:

O pedido do Sr. Joseph de Mello Alvares, diretor da Colônia Blasiana, situada em Santa Luzia, na Província de Goiás, acaba o Sr. Conde Villeneuve de enviar para a biblioteca do mesmo estabelecimento 94 volumes, dos quais 55 encadernados e 39 brochados (Diário de Belém 1884, p. 2).

No ano de 1886, outro pedido é deferido pelo Ministério do Interior a respeito do envio de uma coleção da “Revista Pedagógica”: “[...] encomendou-se ao diretor da ‘Pedagogium’ que [providenciasse] [...] uma remessa da coleção da revista pedagógica ao diretor da Colônia Blasiana, em Goiás” (Jornal da Cidade do Rio 1896, p. 2). A coleção da “Revista Pedagógica”, possivelmente, para auxiliar os professores da colônia na instrução das crianças.

Os livros doados ampliaram e diversificaram o acervo da biblioteca da Colônia. Os de assuntos agronômicos eram utilizados na capacitação dos jovens, produzindo mão de obra especializada. Todos os livros ficariam a disposição para auxílio na catequese, para a alfabetização e formação intelectual dos alunos.

A Colônia Blasiana, além dos recursos anuais, sempre recebia ajuda financeira por parte do governo Imperial. Nos anos de 1882 e 1883 a instituição foi agraciada com o envio de suas primeiras doações. Esses envios se destinavam à biblioteca e às aulas de música. Na “Gazeta de Notícias” do dia 23 de dezembro de 1883 (Gazeta de Notícias 1883) foi publicado o envio de uma quantia de 200\$ réis para auxílio da recém-fundada biblioteca.

Também foram solicitadas ao Ministério da Agricultura sementes de diversas plantas de interesse econômico, algumas não existentes no estado de Goiás. O Imperial Instituto Fluminense de Agricultura também enviou sementes de diversas culturas sempre que solicitadas. No dia 30 de novembro de 1881 foi publicada no “Diário do Brasil” uma solicitação, por parte do Ministério da Agricultura, ao IIFA que enviasse ao diretor da Colônia Blasiana sementes de trigo, centeio, cevada, aveia e linho maior (Diário do Brasil 1881). E no dia 10 de fevereiro de 1883 foi publicada no “Correio Official” uma notícia sobre o envio, por parte do mesmo ministério, de uma segunda remessa de trigo branco do Chile à Colônia:

Ao diretor da Colônia Blasiana de S. Luzia, remetendo mais 4 pacotes contendo sementes de trigo branco do Chile, com os quais fica completa a remessa feita pelo Ministério da Agricultura e de que trata o ofício desta presidência n. 67 de 13 de novembro ultimo, visto terem chegadas estragadas algumas latas, perdendo-se assim grande parte das sementes. (Correio Official 1883, p. 2)

O trigo branco do Chile, variedade de trigo, que possivelmente era uma cultura inexistente no estado de Goiás, provavelmente foi cultivado e implantado pela Colônia Blasiana por sugestão do Ministério da Agricultura. Observa-se que a Colônia Blasiana era agraciada com o envio de sementes por diferentes instituições, sejam elas particulares, como o Imperial Instituto Fluminense de Agricultura, ou públicas, como o Ministério da Agricultura.

No ano de 1891 o Ministério da Agricultura publica um extrato de considerações acerca da indústria agrícola no Brasil, no qual nomeou uma série de instituições que recebiam subsídios do referido ministério para projetarem suas atividades, dentre elas cita-se a Colônia Blasiana.

Quanto aos repasses para cobrir seus custos, um ano após a fundação da Colônia Blasiana a instituição recebia do governo um montante anual de 5.000\$000 réis, passando a 6.000\$000 depois de dois anos. Publica-se no dia 28 de outubro de 1882 no “Correio Oficial” o consentimento de 2.000\$000 réis a colônia:

Ao inspetor da fazenda, remetendo-lhe, por cópias, para os fins convenientes, os avisos do Ministério da Agricultura de 15 de julho do último, sob ns. 1 e 2: o 1º concedendo o credito de 2.000\$000 rs. para ser entregue ao diretor da Colônia Blasiana a título de subvenção[...] (Correio Oficial 1882, p. 3).

Entretanto, no ano de 1884, três anos após sua fundação, Joseph de Mello Álvares apresenta um relatório ao governo da província com os gastos anuais da Colônia Blasiana. Seus gastos chegavam a 9.576\$000 (réis), ao qual se tornava insuficiente a quantia recebida de 6.000\$000. Para garantir a manutenção da instituição seu diretor afirmava, sendo amparado por outras pessoas, que investia recursos próprios para garantir a manutenção da instituição (Marin 2006, p. 127).

No ano de 1887 foi feito o envio de novos recursos à Colônia Blasiana. Segundo o “Boletim da Alfândega do Rio de Janeiro”, “5.500\$000, aumento de subvenção à Colônia Blasiana, na província de Goiás” (Boletim da Alfândega do Rio de Janeiro 1887, p. 3). Tal quantia foi retirada de um montante total de 32.000\$000 destinado às escolas orfanológicas do país. Todavia, observa-se que não se encontrou correspondência da referida instituição versando sobre a divulgação científica do que era realizado na propriedade. A maior parte de sua correspondência era sobre pedidos de auxílio financeiro, envio de sementes e materiais didático pedagógicos para instrução dos alunos.

Apesar de subsídios destinados à instituição, no ano de 1895, a Colônia Blasiana teve suas atividades encerradas com a justificativa de contenção de custos e gastos. Na verdade, houve problemas de cunho político com o governo republicano da época, assim como houvera antes com o IFFA, que encerrou suas atividades quatro anos antes em circunstâncias parecidas. Ambas eram instituições de

referência da monarquia, que traziam prestígio ao Imperador e era temerária sua continuidade, pois poderia causar constrangimentos ao novo regime: o republicano.

Diante do exposto, observa-se que essa instituição teve importância no cenário nacional no período Imperial. Suas relações com importantes instituições e com o governo da época solidificam essa afirmação. Cabe ainda ressaltar uma descrição importante de Joseph de Mello Álvares realizada por Bertran (2000):

Oitocentos em Goiás é o do viver e produzir moderadamente, da autossuficiência, roçando pelo subsistente, um século de enormes lentidões e vaguidões que desesperava ao industrialista Joseph de Mello Álvares e que ele próprio escarmentava... *“vê-se homens vigorosos dignos de melhor sorte... deitarem-se no balcão, onde, em doce ócio, mansa e pacificamente, esperam adquirir fortuna!”* (p 29).

O diretor da instituição era um homem culto e articulado e tinha como objetivo romper com as rotinas agrícolas práticas em Goiás. Percebe-se que era ideia de Joseph de Mello Álvares equiparar/aproximar a agricultura praticada em Goiás a outras regiões do país. Entretanto essa ideia não pode ser levada adiante por conta do baixo interesse do regime republicano para com as atividades desenvolvidas na Colônia Blasiana, a qual fechou suas portas no ano de 1895.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Fundada com a intenção de oferecer educação a crianças negras e desvalidas, a Colônia Blasiana teria ido além de sua finalidade inicial, buscando mudar o cenário de sua época na agricultura do estado de Goiás. Diante dos documentos referenciados nesta pesquisa, observasse que sua experiência foi de suma importância para a introdução de novas e inovadoras técnicas de cultivo no território goiano oitocentista.

A instituição foi responsável pela introdução de novas culturas no Estado de Goiás e algumas delas consideradas exóticas ao cerrado, como o eucalipto e a uva. Buscou combater a rotina agrícola, considerado insustentável na época em função da expansão do mercado consumidor, que exigia novos produtos, produção em larga escala e maior produtividade para barateamento dos preços ou aumento dos lucros.

Em seu espaço agrário havia a presença de práticas agrícolas com base em conceitos científicos. Ao mesmo tempo em que a Colônia Blasiana convivia com as técnicas rotineiras de cultivo dos agricultores vizinhos e com suas limitações, a exemplo das condições de financiamento e do maquinário, o qual não se sabe ao certo qual era, essa instituição pregava ensinamentos profissionalizantes e contribuiu para a aclimação de espécies novas ao cerrado.

Não foi possível identificar como funcionava a escola, quem eram seus professores e o programa de ensino agrícola. A experiência e as articulações dessa instituição fazem repensar se Goiás era realmente tão isolado no século XIX como apregoa a historiografia. Possivelmente existiram outros cultos homens que contribuíram para a superação da rotina agrícola existente em Goiás bem como para a criação de laços, relações e na produção científica desse estado no século XIX.

A Colônia Orfanológica Blasiana fechou suas portas no ano de 1895. Foi, durante o período de seu funcionamento, uma das instituições mais importantes na agricultura do estado de Goiás. Porém, é pouco conhecida e mencionada nos dias de hoje.

O conhecimento dessa instituição contribuiu para compreensão de investimentos sociais na criação de instituições pioneiras orientadas à modernização das práticas de experimentação e de produção agrícola, especialmente em uma região marcada pela estagnação econômica.

Não se quer, e nem se pode aqui esgotar esse assunto. Para isso, apresentamos os seguintes desdobramentos para futuras pesquisas: conhecer o programa de ensino agrícola da Colônia Blasiana; análise e comparação das técnicas agrícolas presentes na Colônia com outras instituições agrícolas presentes em Goiás no século XIX; analisar e conhecer com maior profundidade a vidas e os feitos de Joseph de Mello Álvares e realizar pesquisa aprofundada para o conhecimento se havia ou não máquinas movidas à tração mecânica nessa instituição.

REFERÊNCIAS

Álvares JM 1883. *O Apostolo*. Rio de Janeiro. [acesso jul. 2013]. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=343951&pesq=Colonia%20Blaziana&pasta=ano%20188>.

Álvares JM 1911. Santa Luzia: descrição historica, politica e geographica. *O Planalto*, 2 (53): 3. [acesso 22 abr. 2015]. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=720020&PagFis=251>.

Bediaga BEH 2011. *Marcado pela própria natureza: o Imperial Instituto Fluminense de Agricultura e as ciências agrícolas*. Tese de Doutorado (Ensino e História de Ciências da Terra), Universidade Estadual de Campinas. Campinas, São Paulo, 265 pp.

Bertran P 2000. *História da terra e do homem no Planalto Central: eco-história do Distrito Federal*. Verano, Brasília.

Boletim da Alfândega do Rio de Janeiro 1887. LEI N. 3.349 – de 20 de outubro de 1887. Rio de Janeiro, de 24 nov. 1887. [acesso jan. 2015]. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=070378&PagFis=1260>.

Carmo AG 1939. *Considerações históricas sobre a agricultura no Brasil*. Ministério da Agricultura – Serviço de Publicidade Agrícola, Rio de Janeiro.

Cirne MB, Souza AGSM 2014. Pousio: o que é e quais são os seus possíveis reflexos nas questões ambientais. *Revista Veredas do Direito*, 11(21):75-106. [acesso nov. 2016]. Disponível em: <http://www.egov.ufsc.br/portal/sites/default/files/pousio.pdf>.

Coelho CN 1998. O princípio do desenvolvimento sustentado na agricultura brasileira. *Revista de política agrícola*, 7(2): 2-17. [acesso nov. 2016]. Disponível em: <https://seer.sede.embrapa.br/index.php/RPA/article/view/209/172>.

Correio Oficial 1882. Goiás, 28 de Outubro, 1882. [acesso jul. 2013]. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=167487&pesq=Colonia%20Blasiana>

Correio Oficial 1883. Goiás, 10 de Fevereiro de 1883. [acesso jul. 2013]. Disponível em: http://memoria.bn.br/pdf/167487/per167487_1883_00006.pdf.

Dean W 1996. *A ferro e fogo: a história e a devastação da Mata Atlântica brasileira*. Companhia das Letras, São Paulo.

Diário de Belém 1884. Belém do Pará, 11 de Novembro, 1884. [acesso jul. 2013]. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=222402&pesq=Blasiana>.

Diário do Brasil 1881. Rio de Janeiro, 30 de Novembro, 1881. [acesso Jul. 2013]. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=225029&pasta=ano%20188&pesq=Blasiana>.

Estevam LA 1997. *O tempo da transformação: estrutura e dinâmica da formação econômica de Goiás*. Tese de Doutorado (Instituto de Economia), Universidade de Campinas, Campinas, 180 pp.

Ferraro MR 2005. *A gênese e da silvicultura moderna no Estado de São Paulo*. Dissertação de Mestrado (Agricultura), Universidade de São Paulo, Piracicaba, 106 pp.

Ferraro MR 2012. *Ciência, meio ambiente e cultura na Belle Époque paulista: o “day after” da lavoura cafeeira*. Tese de Doutorado (Ciências), Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 332 pp.

Gazeta de Notícias 1883. Conferências Pedagógicas. Rio de Janeiro, 24 de Dezembro, 1883. [acesso jul. 2013]. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=103730_02&pasta=ano%20188&pesq=Colonia%20Blasiana.

Genettes RH 1882. *A Tribuna Livre*, Goiás. [acesso jul. 2013]. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=717592&pasta=ano%20188&pesq=Colonia%20Blasiana>.

Jornal da Cidade do Rio 1896. Rio de Janeiro, 30 de janeiro de 1896. [acesso jul. 2013]. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=085669&PagFis=341>.

Leal O 1980. *Viagem às Terras Goyanas (Brasil Central)*. Editora da Universidade Federal de Goiás, Goiânia.

Marin JOB 2006. Revista Profissionalizante em Goiás: A experiência pioneira da Colônia Blasiana. *Inter-Ação: Revista da Faculdade de Educação da UFG*, 31:111-137.

Murari L 2002. *As Concepções de Sertão na Literatura Brasileira*. Tese de Doutorado (Faculdade de Filosofia Ciências e Letras), Universidade de São Paulo, São Paulo, 487 pp.

O Globo 1883. Associação Promotora da Instrução. Rio de Janeiro, 5 de Fevereiro, 1883. [acesso jul. 2013]. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=369381&pasta=ano%20188&pesq=Colonia%20Blasiana>.

Revista de Engenharia 1887. *Plano de Estábulo*. [acesso jul. 2013]. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=709743&pesq=Blaziana>.

Rocha FF 2007. *Cultura e educação de crianças negras em Goiás*. Dissertação de Mestrado (Educação), Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 120 pp.

Sávio T 1911. O futuro de Santa Luzia. *O Planalto*, 1(52):4. [acesso jul. 2013]. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=720020&PagFis=244>.

Silva CM 2009. *Agricultura e cooperação internacional: a atuação da American Internatinal Association for Economic and Social Development (aia) e os programas de modernização no Brasil (1946-1961)*. Tese de Doutorado (História das Ciências e da Saúde), Casa de Oswaldo Cruz-Fiocruz, Rio de Janeiro, 226 pp.

Experiences and Scientific Practices of Agricultural Cultivation in Colônia Orfanológica Blasiana in the 19th Century

ABSTRACT

The Colônia Orfanológica Blasiana, which operated from (1881-1895) was an institution dedicated to the education of black children, who are also engaged in modernizing and diversifying agricultural production practices. During your existence sought to apply innovative techniques of cultivation in place routine farming methods used in the period. Received visits from political and religious authorities, as well as journalists who left accounts of the agricultural activities practiced in the institution, such as the ways of planting, irrigation and about what he had. This study aims to analyze the institution through citations in 19th-century newspapers, contributing to studies on the agricultural modernization in Goiás. For it was the literature search and analysis of documents archived in the national library. It is concluded that the Colônia Orfanológica Blasiana was a pioneer institution dedicated to experimental practices of innovative farming techniques, introducing new concepts, methods, and cultures in the agricultural space in Goiás.

Keywords: Agricultural Space; Agricultural Education; Joseph de Melo Alvares.

Submissão: 21/01/2018
Aceite: 01/07/2019